

APRESENTAÇÃO

Vera Lins
Luiza Franco Moreira

Este número da *Terceira margem* publica textos que foram discutidos num encontro da ACLA (American Comparative Literature Association) em Harvard, em 2009, por um grupo que incluía professores dos EUA, de diversas universidades do Brasil e da Áustria. Nos encontramos para pensar as possibilidades de uma história da literatura hoje, questão que ocupa alguns de nós já há algum tempo e que discutimos nos encontros da ABRALIC.

A história é uma narrativa, construída a partir de um ponto de vista tomado por quem relata. Isso considera Walter Benjamin, destruindo a ilusão de uma história linear, uma sucessão de fatos. Na esteira de Nietzsche, que propõe uma história crítica, face à monumental, Benjamin fala de uma história aberta, com idas e voltas, uma construção que está sempre em processo. Queremos falar agora de histórias da literatura no plural, para nos desprender daquela história de obras e autores encaçados numa linha progressiva de estilos e épocas. Não se crê mais ingenuamente numa história progressiva e linear nem social nem literária.

Para Collingwood, o pensamento histórico significa nada mais que uma interpretação de todas as evidências disponíveis, com um grau máximo de habilidade crítica. Isso não significa descobrir o que realmente aconteceu. Os fatos passados que os historiadores trazem à luz são apenas revelados por seus pensamentos, na sua tentativa de compreender o mundo apresentado a seus sentidos.

Conceitos de época e gênero tinham o poder de ordenação do sentido, dentro dos modelos interpretativos lineares. Correspondiam ao modelo de história progressista vigente nos séculos XVIII e XIX.

Toda forma de historiografia se preocupa com problemas de periodização, que procuram sínteses globalizantes. O que se vê cada vez mais como impossível. A história literária era considerada parte da história

da civilização, assim como a literatura francesa ou alemã era um aspecto da vida nacional, em que o autor representa seu meio. Havia um encaixe perfeito permitido pela ideia de representação entre o indivíduo criador, a história nacional e a geral das nações civilizadas. Os períodos literários eram tomados como indicadores do progresso que se espraia-ria pela sociedade dos homens. Acreditava-se numa neutralidade descrittiva. As “Teses sobre a história” de Benjamin revertem essa posição reconhecendo o progresso como uma acumulação de catástrofes. Novalis dizia que eram os poetas que deveriam escrever a história, antecipando a ideia do fato como interpretação. Pensando nas “Teses” haveria também vozes caladas que o presente poderia resgatar. O cânone literário confor-mado por uma história literária que é instituição política e social deixa soterrados nomes e obras por uma crítica que esconde seus critérios. Na literatura brasileira, autores simbolistas ficaram à margem, confundidos com parnasianos. A busca de uma essência nacional colocou como românticos de segunda ordem Bernardo Guimarães e Fagundes Varela.

Alguns formalistas russos como Tinianov pensaram uma outra história literária. Para ele, a história segue uma linha entrecortada; das diversas tendências coexistentes em uma mesma época, apenas uma é dominante, enquanto as outras não canonizadas permanecem escondidas. Assim, o historiador deve pensar as experiências frustradas, levando em conta temporalidades em choque, formas culturais híbridas, conflitos latentes.

Escreve-se o passado a partir das necessidades do presente, em momentos de perigo. Um exemplo é a história da literatura de Auerbach. Auerbach retoma a tradição judaico-cristã, a afirma no momento em que os judeus são perseguidos pelos nazistas. Vai encontrar elementos que não dependem de uma periodização, o que chama de *Ansatzpunkte*, “pontos de partida”, pensados a partir de Virginia Woolf.

Nas ruínas do desenvolvimento devastador do progresso, alguma coisa salta aos olhos do observador situado no presente, que faz associações, enlacs imaginários, como diria Lezama Lima, e salva esse momento do passado numa interpretação que o atualiza. Como o franco atirador atira no relógio e cria, como Proust, algo que suspende o tempo cronológico, homogêneo e vazio. Certas questões colocadas ao passado fazem ressurgir

nomes e acontecimentos, textos que se associam a nomes e acontecimentos, textos do presente, projetando possibilidades ao futuro.

Por isso acreditamos que pensar historicamente é necessário hoje, mas construindo uma outra história, não linear, em ensaios que se considerem parte de uma construção em processo, inacabados, fragmentos de uma totalidade nunca alcançada. Esses ensaios retomam momentos, revendo-os a partir do presente e de suas questões.

O que se apresenta aqui do encontro são essas tentativas de fixar instantes do passado a partir de questões que se propõem hoje, numa revisão crítica que pode apontar para um outro futuro. Através da discussão de casos específicos e das questões que estes sugerem, os artigos aqui reunidos examinam estratégias diversas para a construção de narrativas históricas. A reflexão teórica se conduz, assim, principalmente através da articulação dos argumentos e em suas entrelinhas. Tomados em conjunto, porém, estes textos delineiam alguns problemas amplos e de interesse imediato para a história da literatura.

Três destes artigos se propõem a pensar a relação entre a literatura e o mundo contemporâneo. Beatriz Resende e Walter Cohen se debruçam sobre a ficção, que compreendem a partir de sua relação com o mundo globalizado. Beatriz Resende, interessada principalmente na literatura brasileira – e escrevendo a partir do Brasil – se preocupa em apreender como estão se alterando os limites da literatura nacional. A web e a publicação eletrônica alteram as regras do jogo literário ao abrir aos escritores brasileiros inúmeras possibilidades de circulação e diálogo, criando uma literatura em fluxo. Já Walter Cohen, escrevendo a partir dos Estados Unidos, identifica na ficção mundial contemporânea um estilo internacionalizado e um certo esmaecimento da preocupação com o nacional (no que discorda de Fredric Jameson). Apesar da diferença entre os pontos de partida dos dois críticos, estes coincidem em sua perspectiva mais geral. Ao invés de lamentar a globalização, sustentam que esta abre caminho para uma expansão da produção literária e, ainda, para um estilo de ficção que reflete com seriedade acerca do mundo e da política contemporâneos – o que não implica otimismo quanto ao mundo contemporâneo, como sublinha Walter Cohen. Já para Vera Lins, o motivo da guerra serve como fio de meada para a

leitura da poesia brasileira contemporânea e sua relação com a poesia modernista, justamente porque a guerra demarca o contexto do mundo contemporâneo – tanto na agressão ao Iraque como durante a Segunda Guerra. Acima de tudo, e em espírito semelhante ao de Beatriz Resende e Walter Cohen, essa crítica busca apontar as possibilidades de imaginação utópica, resistência e articulação de valores fraternos que a poesia abre, através de sua linguagem e no mesmo movimento em que relata o horror.

Uma preocupação com o contexto se define no pano de fundo destes artigos sobre literatura contemporânea e vai persistir na maior parte dos textos aqui reunidos. A partir de exames de contextos de recepção diversos no tempo, Friedrich Frosch e Marina Corrêa propõem uma maneira dinâmica de compreender a relação entre as margens e os cânones da história literária – inspirando-se na ironia de Borges, que vê tanto Aristóteles, Han Yu e Lord Dunsany como precursores de Kafka. Esses críticos consideram exemplos de escritores que haviam sido marginalizados em seu tempo e vêm a ser recuperados em um contexto posterior: Qorpo-Santo, relido a partir dos anos 60, mas também no contexto do século XIX; Sousândrade e Kilkerry, relidos através da poesia concreta. Resultam desse procedimento leituras superpostas, mantidas em uma relação tensa. Assim, ao mesmo tempo em que a obra de Qorpo-Santo é cansativa e confusa, também se apresenta – para nós – como uma “interrogação constante e radical” da imagem mais familiar da literatura, tida como transtemporal, universal e espelho do mundo. Baseando-se nos argumentos de William Marx, Marina Corrêa toma a obra de Augusto e Haroldo de Campos como exemplo de *arrière-garde*. A poesia concreta, *arrière-garde* que se afirma como vanguarda no momento em que já estão esgotadas as vanguardas históricas, motiva uma reavaliação do cânone e uma releitura de Sousândrade e Kilkerry de acordo com o projeto poético dos irmãos Campos.

As contribuições de Paulo Moreira e Luiza Franco Moreira também se valem de considerações sobre o contexto, compreendido em termos espaciais, para articular discussões comparativas. A partir da leitura de imagens do México e do Brasil em ensaios de Alfonso Reyes, Paulo Moreira propõe ampliar o modo como concebemos a revolta contra a literatura

do século XIX. Poderíamos pensar em um modernismo que se estende desde o início do século XX, define imagens duradouras da nação nesses dois países e engloba as vanguardas sem se limitar a estas. Luiza Franco Moreira, por sua vez, se volta para um editorial de um suplemento literário que o jornal oficial do Estado Novo, *A Manhã*, dedica à literatura das Américas. A maneira como se lê esse documento se altera, ela propõe, de acordo com a maneira como se reconstrói seu contexto histórico – no Brasil, internacionalmente, e no início da Segunda Guerra.

A questão da afrodescendência abre caminho a que Eduardo de Assis Duarte e Lauro Amorim interroguem a narrativa mais corrente do desenvolvimento da literatura brasileira. Assis Duarte vê uma relação tensa entre a literatura afrodescendente e a brasileira: esta se encontra tanto dentro daquela, porque se vale do mesmo idioma e trabalha formas e processos semelhantes, como fora, pois sublinha e questiona o etnocentrismo que quer excluir os afrodescendentes do universo da cultura. Aponta cinco elementos que, relacionados uns aos outros, configuram a literatura afrodescendente: voz autoral, temas, linguagem, o projeto até utópico de construir um público afro-brasileiro e, acima de tudo, um *ponto de vista* comprometido com a afrodescendência. Lauro Amorim retoma a discussão de um desses cinco fatores quando explora o desafio de traduzir a poesia experimental da escritora afro-americana Harryette Mullen. É difícil reproduzir para o público do Brasil – brasileiro e afro-brasileiro – tanto o jogo denso de referências à cultura afro-americana nos textos de Mullen, como o esforço dessa poeta por expandir e tornar mais complexo o significado de *blackness*. Como não pode deixar de ser, para Mullen, *blackness* se define no contexto da cultura norte-americana, mas também a partir da história dos afro-americanos nos Estados Unidos. É difícil ao tradutor recuperar esses contextos distantes, mas, ao mesmo tempo, o trabalho de traduzir põe à mostra contrastes significativos entre os processos de racialização em um lugar e outro.

Como se vê, alguns temas centrais tomam forma a partir das discussões históricas específicas reunidas neste número da *Terceira margem*: como se relacionam literatura e mundo contemporâneo, que papéis pode desempenhar a preocupação com o contexto na articulação das

narrativas da história literária, como pensar o lado afro da literatura brasileira. Esses problemas vão se definindo sobretudo por meio do diálogo entre os artigos, e talvez até mesmo através de algumas divergências.

Foram acrescentados dois textos que tangenciam as questões discutidas, de autores convidados para palestras no VII Simpósio promovido pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura da UFRJ em novembro de 2010. Tanto o artigo de Dolf Oehler, sobre Benjamin e Baudelaire, quanto o de Ricardo Barbosa, sobre Marcuse, lidam com questões históricas e estéticas.